

CRITÉRIOS NEBULOSOS EM EVENTO BEM-INTENCIONADO

Mostra paulistana retira produção amadora de seu contexto

* **Crítica:** *Helena Katz*

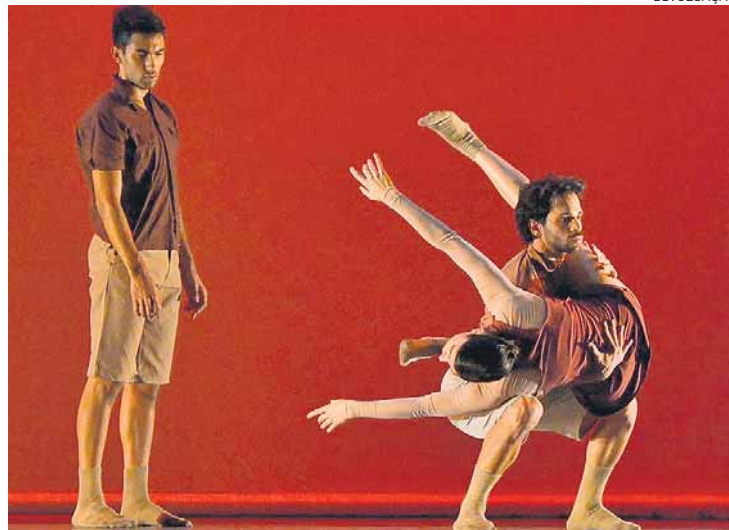
♦ **RUIM**

A Ribeirão Preto Cia de Dança encerrou domingo, no Teatro Paulo Eiró, a programação Dança em Sampa 1ª edição, boa iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Seis companhias se distribuíram por 5 semanas de programação nos teatros que a Prefeitura mantém na cidade. Foi produzido um folheto único, que informa que o intui-

to é o de “dar acesso” e “revelar a dança como uma ótima opção de entretenimento cultural”. Todavia, sequer informa os autores das duas coreografias mostradas pela Ribeirão Preto Cia. de Dança – desperdiçando uma oportunidade importante de distribuição de informação.

Pode parecer um detalhe, mas talvez seja mais do que isso, porque revela todo um contexto de limites difusos entre o ambiente profissional e o escolar, do qual essa companhia pode ser tomada como uma referência. Explícita uma situação que se espalha

pelo Brasil, e que se relaciona com o que vem sendo produzido aqui, nas últimas três décadas, pelos festivais de escolas de dança que proliferam no nosso País. A matriz de todos eles foi o Enda, que começou explicando, com clareza, do que se tratava – Encontro Nacional de Dança Amadora – mas que, a certa altura, curiosamente suprimiu o “amadora” de seu nome, começando a nublar, tanto para o público como para os próprios envolvidos, a diferença entre um bailarino (um trabalhador profissional) e um estudante de dança.



DIVULGAÇÃO

Engajamento. Coreografia da Ribeirão Preto Cia, de Dança

Neste caso, trata-se de mais um grupo ligado a uma escola privada que ambiciona profissionalizar-se. Mas, nele, há algo a ser destacado. Escolheu estampar a sua cidade no nome, e como esse é um hábito das companhias oficiais, permite ser tomada como

uma delas. Embora não o seja, deixa claro que elegeu esse tipo de perfil para seguir, e que já tem uma referência nesse caminho: o Balé da Cidade de São Paulo. A ligação se materializa, inclusive, nos autores das coreografias mostradas, pois Liliane Gram-

mont (*Sobre Nós*) e Fernando Martins (*Fora de Si*) foram bailarinos do Balé da Cidade.

Vem de lá o seu entendimento de coreografia a partir de uma certa métrica entre passo (de dança) e compasso (da música), e também a postura do bailarino em cena. Mas vem dos festivais de escolas de dança o papel do figurino e da música e, sobretudo, a relação entre vocabulário, fraseamento e trilha sonora. Nada disso constituiria problema, caso fosse assumido e desenvolvido como proposta em um circuito específico, hoje inexistente, dedicado a grupos que, como ele, buscam o padrão profissional com condições de alcançá-lo. Seus bailarinos se mostram engajados, e dançam com todo o empenho. O que falta são políticas públicas capazes de pavimentar a passagem do mundo dos festivais para a vida profissional com a dignidade que esse populoso segmento da dança merece.